



Águi Mish'ol, por ela mesma*

Nancy Rozenchan**

Águi Mish'ol é uma das poetisas mais populares de Israel, se não a mais popular de todos. É a poetisa das multidões. Seus poemas, escritos em uma mistura de linguagem falada, gírias, invenções vocabulares próprias, e uma infinidade de imagens da natureza são muito acessíveis; mesmo quando expressa sentimentos duros, ela costuma envolvê-los em ironia ou humor.

Mish'ol é a poeta do ofício da vida e no ofício da vida dela há muitos temas. Ela lhes serve de espelho e de boca e de fonte de conforto. Mas se alguém o deseja, pode puxar de seus livros um fio que não gira sobre esse ofício, e sim sobre o seu reflexo remoto que é o ofício de escrever.

Até nos seus momentos mais irônicos, Mishol nunca é niilista. Parece que mais do que apontar a partir daquela dúvida que se coloca sobre a polarização entre a poesia e a vida, ela deseja, na medida do possível, unir ambas.

Águi Mish'ol, nascida em 1946 na Transilvânia, Romênia, de pais originários da Hungria, sobreviventes de campos de concentração e de trabalho, chegou a Israel com quatro anos de idade. Na minúscula cidade de Guedera, cidade que respirava o ar dos pioneiros que a criaram nas últimas décadas do século 19, Águi cresceu no ambiente em que contrastavam orgulhosos veteranos no país e sobreviventes que tentavam se sobrepôr aos horrores passados e buscavam entender e viver a nova pátria.

Águi é formada em literatura, escreve poesia desde a juventude, é autora de 15 livros reeditados diversas vezes, leciona literatura e escrita poética; foi poeta residente da Universidade Hebraica de Jerusalém. Vários de seus poemas foram musicados. Uma coletânea de poemas serviu de base ao espetáculo teatral *Ianshufot*, no Festival Israel de 2004. Simultaneamente, é uma agricultora que, com o marido, toca uma grande plantação de pêsegos, caquis e romãs em Kfar Mordechai, um moshav (comunidade rural cooperativa) a trinta quilômetros de Tel Aviv, cuja população é de cerca de 500 pessoas. No início da carreira, quando vendia caixotes de pêsegos na estrada, oferecia-os juntamente com um dos seus livros de poemas.

Sua poesia foi qualificada mais de uma vez como “poesia da terra”, escrita por uma mulher, como poesia agrícola ligada ao gênero de eco-poética e, mais



recentemente, também como nova poesia da natureza. Obviamente ela não é isto e nem só isto.

Observação da vida do *moshav*, pensamentos sobre o tempo e a morte, reflexões sobre meditação e ioga, visão compassiva e precisa sobre a psicologia do *self*, relações interpessoais, um despedir-se infundável dos pais, uma luta com as sombras que eles deixaram, um pouco de política, um pouco de política de poesia: o diapasão de temas em que Agui toca em seus livros é bem conhecido e apreciado pelos leitores israelenses, assim como o são a sua linguagem poética e a sabedoria incidental que nada tem de trivial.

Ainda que nem todos os críticos concordem com a classificação de que ela é a poeta mais importante do país, nenhum deles nega que ela seja a voz mais próxima do leitor médio, somando-se a eles muitos leitores bastante sofisticados que nem sempre estão disponíveis para poemas mais complexos e elaborados de outras autoras. No auge das qualificações que lhe atribuem, posicionam-na como membro de destaque da poesia de mulheres no rol que se inicia com a obra de Rachel (Bluvstein) do princípio do século passado. Dan Miron, decano dos críticos israelenses, que elaborou a coletânea que abrange a maior parte dos poemas de Águi e para o qual contribuiu com um alentado estudo de 150 páginas a respeito de sua obra – *Hassibila hakomit* [A sibila cômica] – assim se manifestou: "Mish'ol pertence, sem dúvida, à dinastia das grandes poetisas israelenses Rachel Bluvstein, Yocheved Bat Miriam, Esther Raab, Lea Goldberg, Dália Ravikovitch e Yona Wallach."

Não é assim, porém, que a poetisa se vê:

Se me vejo como continuadora da trilha das grandes poetisas israelenses? Isto é lisonjeiro, mas é uma definição de críticos que têm uma tendência a comparar, classificar, para poder delinear uma estrutura conveniente para a discussão da poesia. Por que eu deveria estar concatenada apenas com as mulheres? Há poetas homens com quem tenho mais proximidade, mais vinculação com a poesia deles.

Poetisa nacional versus poetisa civil:

Eu sei olhar, tenho uma boa visão. Desde Uri Zvi Grinberg, Natan Alterman e Chaim Gúri, parece que a instituição de poetas nacionais feneceu. Surgiu uma outra



instituição cujo fundador é Iehudá Amichái - um poeta civil, cuja poesia é principalmente pessoal, não imiscuida nos grandes assuntos, mas que dá expressão ao estado de espírito dos israelenses; neste sentido, portanto, eu sou uma poeta civil. As pessoas usam as minhas poesias também em contextos não literários.

Poetisa de muitas frequências:

Eu acho que se pode definir a minha poesia como vertical – Sinto que transmito em muitas frequências e qualquer pessoa recebe a frequência adequada de acordo com a sua mente. Um pode captar a trama, outro pode compreender o poema em nível filosófico, outro, em nível psicológico. E pode-se ouvir a língua, que é a coisa mais importante para mim, porque a poesia, não importa sobre o que é ela, é antes de tudo, é sobre a língua. O tema da poesia é a língua.

Sobre a questão se escreve poesia feminina, Águi nega:

Não digo que escrevo como homem. Claramente escrevo como mulher, mas o que me interessa é o espírito, e o espírito não se encontra no lugar de homem ou de mulher. O instrumento é o corpo, mas a poesia provém do espírito. O que me interessa são as pessoas. Gosto de poemas que são parte da raiz da minha alma. Pinchas Sadê e Iehudá Amichái são poetas que fazem parte da raiz da minha alma.

A manifestação da dispensa da separação de gêneros na poesia hebraica, é corroborada pelo crítico Uzi Shavit:

Eu acho que, na realidade pós-moderna que existe hoje, pode-se renunciar a uma divisão de gênero e de relação com uma dinastia feminina ou masculina. Yona Wallach já rompeu esta sequência. Ela não foi uma voz feminina, mas uma voz igual a todos, em todos os sentidos. Antes dela havia a impressão de que a poesia era masculina e que



dentro do grupo masculino há uma voz feminina. Não mais. A poesia é pluralista, o espaço é aberto; Águi Mish'ol é uma poeta central e proeminente na poesia israelense e muito apreciada pelo público.

Águi não é reconhecida como uma poetisa política, mesmo que não evite referências sociais ou políticas:

À medida em que se amadurece ou se avança em seu caminho... você quer dizer alguma coisa e você também pode, porque tem algo a dizer. Não teme ser mais direto, exposto, ríspido. Gosto da poesia mais tardia de Dália Ravikovitch, que é política. É muito direta. acho que é um processo que acontece comigo também. A gente se despe de toda a competência e chega ao âmago das coisas.

Em um lugar como Israel é impossível não ser político, porque a realidade aqui permeia-me de todas os lados. É o ar que eu respiro aqui. Eu tenho alguns poemas nitidamente políticos. A minha poesia não é engajada. A poesia deve ser livre.

Águi Mish'ol escreve sobre tudo, sobre árvores das suas plantações, sobre esmalte das unhas, a respeito de uma oliveira que foi replantada ou mesmo do uso do SMS. Tem igualmente uma espantosa capacidade de escrever poemas de amor que também contém humor, fato raro na poesia em geral:

Na minha escrita não aciono qualquer atitude de censura quando escrevo sobre o amor ou paixão. Acho que há uma grande dose de orgulho quando ocorre uma tentativa de acionar censura porque aquele que se abstem de se revelar acha que está acontecendo consigo algo muito especial que não acontece com os outros. Como poeta responsável, eu revelo tudo porque eu me vejo como meu próprio laboratório; documento o que acontece comigo e não há nada que seja especial só meu.

Cidade e campo ocupam-na igualmente:



Tenho duas personas, a persona aldeã e a persona urbana. Sou do campo, mas vou para a cidade e recolho materiais; então volto para casa, para os meus animais e a tranquilidade.

Ritual e prazer:

Não há dia em que eu não escreva. Todas as manhãs, como a leitura do livro de orações, de modo realmente religioso, sento com caderno e caneta e escrevo. Quando a caneta toca no papel, isto é algo muito íntimo. É um prazer sensorial ao qual não posso renunciar.

Escrever é fácil para você?

Não. Se há um dia em que eu escrevo três palavras entre as quais se cria uma conexão elétrica e fico satisfeita com elas, é um grande dia, mas a maioria vai para o lixo. Para mim a escrita é como uma transmissão fragmentada. Acontece-me às vezes, mas é muito raro, que a transmissão é feita de uma só vez. Mesmo que os meus poemas sejam acessíveis, eu trabalho muito duro com eles. É muito difícil de escrever de forma simples.

Pode-se dizer que Águi Mish'ol volta ao papel tradicional da poesia – o ser humano e a sua situação. Esse é o centro de vida em sua poética – escrita com clareza e simplicidade – e isto é o que mais toca seus muitos leitores e a aproxima deles.

Poemas

E esta roupa do varal não embarca para lugar algum
apesar do vento bom que infla os lençóis
apesar das calcinhas alegres
apesar das mangas arregaçadas
apesar dos colarinhos eretos

(Original publicado em hebraico em *Hinê*. Tel Aviv: Natan Zach, Tag Helicon, 1997.)

Muito cedinho
vi no meu varal
um anjo rosa preso no pregador



e um gatinho preto
embaixo
tentando escalar
a manga dele

(Original publicado em hebraico em *Hashfelá hapnimit*. Tel Aviv: Hakibuts hameuchad, 1995.)

Nos becos do hiper empurro o carrinho como a mãe
das duas couves-flores, navego pelo poemalista das
compras
que brotou em mim junto com o café.
Os títulos da oferta acenam aos que se interessam
pelo gênero dos componentes das embalagens de alimento
e Clayderman
apraz com sua música as aves congeladas. Também eu
cuja vida é feita só de vida, avanço na curva do Dogli
para o Sr. Flinker que me confia que é só o corpo
que se desintegra mas a alma para sempre é jovem
creia-me. Eu creio. Mas estou voltada para Ionatan
e Alexander
corram irmãos ao coentro
corram corram irmãos
sou poeta da hiperfeira
cantarei o ruído do Cornflakes
e a curvatura dos pepinos revoltosos
até que a caixa registradora me entregue
a versão final e impressa
do meu poema.

(Original publicado em hebraico em *Hashfelá hapnimit*. Tel Aviv: Hakibuts hameuchad, 1995.)

Abracei você
e você abraçou a melancia
amei você e você não
soube o que fazer
com a melancia
porque as suas mãos que quiseram
me abraçar



não puderam soltá-la
e por outro lado
o que
você dirá espere
vou só largar
a melancia?

(Original publicado em hebraico em *Hashfelá hapnimit*. Tel Aviv: Hakibuts hameuchad, 1995.)

NOTURNO 1

Em casa
está tudo acumulado
o açúcar na vasilha
o pão na caixa
o pão
a faca na gaveta
a comida no caldeirão
os maus ventos*
entre as dobras da cortina
um sobre o outro
as fronhas
as expectativas
as calcinhas
os sutiãs
tudo está acumulado:
a música nos sulcos dos discos
a ratazana no sótão
dos objetos rejeitados.

*o mesmo vocábulo pode ser traduzido como “espíritos”

(Original publicado em hebraico em *Mivchar vechadashim*. Tel Aviv: Ed. Bialik, 2003.)

* Seleção, compilação e tradução do hebraico de Nancy Rozenchan.



* **Nancy Rozenchan** é Professora Sênior da Universidade de São Paulo (USP), ensaísta e tradutora.

Entrevistas e informes sobre Águi Mish'ol

HIRSH, Semadar. Hamuzot lo shotkot: Bikur bait etsel Agui Mish'ol [As musas não se calam: visita a Águi Mish'ol]. *Maariv NRG*, 21 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.nrg.co.il/online/55/ART1/932/590.html>>.

KESHER, Asher. Katava sheli al shira umilchama. Bikur etsel Agui Mish'ol [Minha reportagem sobre poesia e Guerra. Visita a Águi Mish'ol] *Kehilot Agenda*, 16 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.agenda.co.il/index.asp?section=Forum&Forumid=220&topicid=0&msgid=149214>>.

LI, Vered. Chamesh sheelot – Hachaim hitkavtsu" [Cinco perguntas – A vida encolheu]. *Haaretz*, 13 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.haaretz.co.il/literature/fivequestion/1.1662565>>.

LI, Vered. Kmo litpos parpar bimeufo [Como agarrar uma borboleta voando]. *Haaretz*, 3 maio 2012. Disponível em: <<http://www.haaretz.co.il/1.1698519>>.

LIVNE, Neri. Agui hameshoreret" [Águi a poeta]. *Haaretz*, 5 ago. 2003. Disponível em: <<http://www.haaretz.co.il/misc/1.901745>>.

SCHWEITZER, Erez. *Sidur avoda* shel Agui Mish'ol: hameshoreret shel melechet hachaim [*Sidur avoda* de Águi Mish'ol: a poeta do labor da vida]. *Haaretz*, 11 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.haaretz.co.il/1.1683975>>.

SEGUEV, Iris Simchoni. Hameshoreret Agui Mish'ol bemifgash im anshei psichologuia haatsmi – eich meshorerim choshvim [A poeta Águi Mish'ol em um encontro com pessoas da psicologia do self – como poetas pensam]. *Psichologuia ivrit*, 6 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.hebpsy.net/articles.asp?id=2436>>.

AGUI Mish'ol orechet bikur bait [Águi Mish'ol faz uma visita]. *Maariv NRG*, 2 jun. 2009. Disponível em: <<http://www.nrg.co.il/online/47/ART1/898/329.html>>.